

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LILIANA TEMP MEDEIROS

SEM FILHOS POR OPÇÃO

**Uruguaiana
2019**

LILIANA TEMP MEDEIROS

SEM FILHOS POR OPÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jussara Mendes Lipinski

**Uruguaiiana
2019**

LILIANA TEMP MEDEIROS

SEM FILHOS POR OPÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Enfermagem.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 03 de julho de 2019.

Banca examinadora:



Prof^a. Dr^a. Jussara Mendes Lipinski

Orientadora

CPF: 39461262000

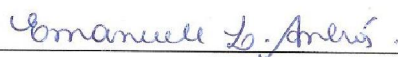
UNIPAMPA



Prof^a Dr^a. Débora Schlotfeldt Siniak

CPF: 01991500017

UNIPAMPA



Enfermeira. Me. Emanuelle Lopes Ambrós

CPF: 01546954082

UNIPAMPA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo da Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Internacionais)

M488s Medeiros, Lilitana Temp
Sem filhos por opção / Lilitana Temp Medeiros.
22 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, ENFERMAGEM, 2019.
"Orientação: Jussara Mendes Lipinski".

1. Decisão pela não-maternidade. 2. Desafios sociais e
culturais diante da escolha pela não-maternidade. I. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CAMPUS URUGUAIANA

Carta de liberação da orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso II

Declaro que a acadêmica Liliana Temp Medeiros está liberada para entregar o Trabalho de Conclusão de Curso II, intitulado “**Sem filhos por opção**” para a banca examinadora, composta pelas professoras Dra. Débora Schlotfeldt Siniak e Me. Emanuele Lopes Ambros sendo suplente a Profa. Me. Michele Bulhosa de Souza. Salienta-se que a apresentação, ocorrerá no dia 03 de julho de 2019 as 15h no auditório do prédio 700 da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Uruguaiana.

Uruguaiana, 26 de junho de 2019.



Profa. Dra Jussara Mendes Lipinski

Professora Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem

Dedico este trabalho à minha mãe, *Heili*, enfermeira, que sempre lutou pelos direitos e pela vida das mulheres, principalmente pela minha e das minhas irmãs.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela minha vida e por todos os momentos vividos até hoje.

Agradeço ao meu pai Mauricio, minhas irmãs Lilia e Livia, e demais familiares por toda a paciência e incentivo nos momentos difíceis que passei até aqui, principalmente à minha mãe Heili, pela luta diária, para que eu tivesse uma educação de qualidade.

À minha orientadora Jussara, pelo impulso e por toda a ajuda, mas em especial por ter me apresentado a saúde da mulher, minha grande paixão.

Agradeço a todos os meus amigos, que de perto ou de longe, me apoiaram com frases de ânimo nos dias complicados.

Aos professores do curso de Enfermagem, por todos os ensinamentos durante a graduação.

Aos meus queridos colegas, que estiveram ao meu lado nos momentos árduos da graduação, mas também naqueles mais alegres.

E por último, mas não menos importante, à Universidade Federal do Pampa, campus Uruguiana, por todas as ferramentas ofertadas para que esse sonho fosse realizado.

RESUMO

A figura feminina vem ganhando um novo status de empoderamento na sociedade, ocupando um espaço na esfera pública que vai além do papel de mãe e esposa que protagonizavam nos séculos passados. Em decorrência das alterações no cenário feminino, a opção das mulheres por não ter filhos tornou-se um fenômeno crescente na sociedade. As mulheres que optam por não serem mães, muitas vezes, são desvalorizadas e martirizadas por preconceitos, que podem levá-las ao isolamento social. Teve-se como objetivo: Conhecer os relatos de mulheres que optaram pela não-maternidade. A pesquisa teve âmbito qualitativo e exploratório. A coleta dos dados foi por meio de entrevista semiestruturada individual, as participantes, foram recrutadas pela técnica da Bola de Neve. A análise de conteúdo de Minayo deu origem a duas categorias: a) A decisão pela não maternidade, no qual notou-se que as mulheres entrevistadas estão certas de sua escolha pela não-maternidade, apesar desta decisão ocasionar diversos desafios em suas vidas; b) Desafios sociais e culturais diante da escolha pela não-maternidade, onde ressaltaram que os julgamentos e questionamentos por parte da sociedade, incluindo de familiares, amigos e profissionais da saúde, são constantes em seus cotidianos, porém, destacam também que já conseguem lidar com mais facilidade nessas situações. Através desse estudo pôde-se compreender ainda mais a decisão, os sentimentos e a realidade vivida por estas mulheres, esperando que este contribua positivamente em suas vidas, através da sensibilização da sociedade e dos profissionais de saúde frente a esta demanda social.

Palavras-chave: Saúde da mulher; Planejamento familiar; Direitos sexuais e reprodutivos.

ABSTRACT

The female figure has been gaining a new status of empowerment in society, occupying a space in the public sphere that goes beyond the mother and wife role that they carried out in the past centuries. As a result of the changes in the female scenario, the option of women for not having children has become a growing phenomenon in society. Women who choose not to be mothers are often devalued and martyred by prejudices, which can lead them to social isolation. Objective: Get to know the reports of women who opted for non-maternity. This research has a qualitative and exploratory scope. The data were collected through an individual semi-structured interview, the participants were recruited using the Snowball technique. Minayo's analysis raised two categories: a) The decision on non-maternity, in which it was noted that the women interviewed are certain of their choice for non-maternity, although this decision poses several challenges in their lives; b) Social and cultural challenges to the choice of non-maternity, where they emphasized that the judgments and questions of society, including family members, friends and health professionals, are constant in their daily lives, but also highlight that they can handle more easily in these situations. Through this study it was possible to understand even more the decision, the feelings and the reality lived by these women, hoping that this study contributes positively in their lives, by sensitizing the society and the health professionals in front of this social demand.

Keywords: Woman's Health; Family planning; Sexual and reproductive rights.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MATERIAL E MÉTODOS.....	11
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO.....	12
3.1 A decisão pela não-maternidade.....	12
3.2 Desafios sociais e culturais diante da escolha pela não-maternidade.....	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

Por muitos anos, a figura feminina era apenas relacionada às funções de mãe e esposa e, devido a isso, as mulheres, muitas vezes, viam-se distantes de outras de suas realizações pessoais. A associação entre maternidade e feminilidade é um resultado das mudanças do século XIX, onde a maternidade passou a ter maior importância, e as mães e crianças ampliaram seu espaço na sociedade (RIOS E GOMES, 2009; SMEHA E CALVANO, 2009).

Com o decorrer dos anos, as mulheres distanciaram-se da tradicional imagem da mulher de mãe e esposa, construída nos séculos passados, e passaram a assumir um novo papel social. A partir deste período de transformações no cenário feminino, um novo modelo social passou a conduzir a vida das mulheres, caracterizado principalmente pela autonomia, onde as mulheres deixaram de ser influenciadas apenas pela figura masculina, redefiniram suas prioridades e adquiriram seu papel protagonista na sociedade (SMEHA E CALVANO, 2009).

Contudo, a figura feminina vem ganhando um novo status de empoderamento na sociedade, cada vez mais inserida no mercado de trabalho, passaram a adquirir mais autoridade e autossuficiência financeira. Assim, aumentaram suas escolhas por profissões que lhe tragam benefícios pessoais e prestígios profissionais e a ocupar um papel na esfera pública que vai além da figura de mãe e esposa e do trabalho doméstico. Em decorrência disso, a opção das mulheres por não ter filhos é um fenômeno crescente na sociedade (PATIAS E BUAES, 2012).

Em relação à saúde, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher - PNAISM (2004), elucida a necessidade da inclusão da perspectiva de gênero nas ações a serem desenvolvidas às mulheres, visando a melhoria das condições de vida, o respeito às diversidades, igualdade social e os direitos de cidadania da mulher. Porém, a opção pela não-maternidade ainda não é uma possibilidade de escolha para todas as mulheres pela relação direta com o contexto histórico, econômico, social, de gênero e cultural que a mulher sempre esteve inserida (PATIAS E BUAES, 2012).

Rios e Gomes (2009) apontam que, frequentemente, as mulheres que optam pela não-maternidade, são desvalorizadas e afligidas por preconceitos que provocam sentimentos de exclusão e anormalidade dentro da sociedade. As mulheres carregam

um sentimento de culpa e sofrem pressões em decorrência da opção por não serem mães, já que ainda existe a crença generalizada de que o instinto materno faz parte da natureza normal da mulher (MANSUR 2003).

Até mesmo nos serviços de saúde as mulheres que optam pela não-maternidade acabam sendo deixadas de lado, onde os profissionais acabam priorizando o atendimento às gestantes, às puérperas e até mesmo às mulheres no climatério, por apresentarem maior fluxo de demanda. Falar sobre maternidade para uma mulher que opta por não ter filhos exige sensibilidade, pois não ter filhos por opção ou circunstância implica na não realização de um potencial estimado à mulher, desviando os padrões e construindo uma significativa e incômoda mudança (MANSUR, 2003).

No Brasil, ao comparar o censo de 1997 ao de 2007 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009), constata-se um aumento de 3,1% de casais sem filhos, passou de 12,9% para 16% da população. Patias e Buaes (2012) referem que os dados demográficos brasileiros apontam que o aumento da escolarização das mulheres e da sua inserção no mercado de trabalho provocaram alterações nos padrões familiares, acarretando na diminuição das taxas de natalidade e do número de filhos por mulher, além do crescimento do número de casais sem filhos por opção nas classes médias da sociedade.

Deste modo, a mulher que opta por não ser mãe também necessita ser respeitada e receber o cuidado e a assistência adequada, sem julgamentos. Ressalta-se a relevância de considerar a singularidade de cada mulher, compreendendo que cada uma delas tem projetos pessoais que muitas vezes não envolvem a maternidade. Tendo em vista o crescente número de mulheres que optam por não terem filhos, os desafios e julgamentos que sofrem da sociedade, identificou-se a necessidade de ouvi-las, tornando necessário que a Enfermagem e os demais profissionais de saúde tomem conhecimento destas mulheres e estejam preparados para prover o acesso e acolhimento necessário.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A coleta dos dados se deu através de uma entrevista semiestruturada com as mulheres não mães por opção participantes da pesquisa, realizada nas primeiras semanas do mês de junho de 2019. A pesquisadora já conhecia uma mulher que optou pela não-maternidade, sendo feito a ela, pessoalmente, o primeiro convite. Neste primeiro momento, a participante foi orientada sobre os objetivos da pesquisa, e assim que aceitou, recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após a assinatura do TCLE, tornou-se então participante de pesquisa. Neste momento, foi marcada a data, horário e local de preferência da participante para realização da entrevista. Ao final da entrevista, foi solicitado que a participante indicasse uma ou mais mulheres não mães por opção, assim como o telefone e e-mail de contato, para que a sequência de entrevistas fosse realizada.

Na sequência as novas entrevistadas receberam uma mensagem na qual a pesquisadora informou brevemente quem a indicou e solicitou que caso aceitassem participar, respondessem positivamente a mensagem. Após, foi marcado um encontro para informações adicionais e apresentação do TCLE, onde devidamente foram informadas sobre a pesquisa e que caso ainda desejassem participar, pudessem assinar o TCLE e desta forma, a entrevista fosse realizada de imediato ou agendada data, horário e local de preferência.

As entrevistas ocorreram individualmente, em diferentes lugares. Quatro delas foram realizadas no local de trabalho das participantes, em uma sala reservada, no período do intervalo, e uma delas foi realizada na residência da participante. As entrevistas duraram em média 30 minutos.

O número de participantes se deu pelo ponto de saturação proposto na técnica escolhida para recrutamento das entrevistadas, a técnica “Bola de Neve”. O ponto de saturação foi alcançado quando os relatos e as falas das mulheres começaram a se repetir e/ou fugir do assunto principal, totalizando o número de cinco mulheres participantes.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

As mulheres entrevistadas foram identificadas como M1, M2, M3, M4 e M5, de idades entre 27 e 45 anos, sendo uma delas solteira e as demais casadas, residentes em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, que optaram por não viver a experiência da maternidade. Das falas das entrevistadas foram elencadas duas categorias, quais sejam: A decisão pela não-maternidade; Desafios sociais e culturais diante da escolha pela não-maternidade.

3.1 A decisão pela não-maternidade

Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a figura feminina ganhou mais autonomia e autossuficiência, distanciando-se da ideia determinada pela sociedade de que ser mãe e esposa era o único rumo de suas vidas. Desde então, para muitas mulheres, a maternidade passou a ser uma escolha e não uma fase obrigatória ou um potencial a ser atingido (PATIAS E BUAES, 2012).

“[...] O que eu sempre deixo claro: é uma decisão pessoal [...] gosto muito de falar sobre isso para acabar com esse estigma, de que mulher não é mulher porque não é mãe, parem com isso gente, vão ser felizes e parem de cuidar da vida dos outros [...]” M1.

De acordo com Mansur (2003), falar com mulheres não-mães a respeito dessa decisão, exige empatia, já que optar pela não maternidade, é desviar deste antigo padrão imposto pela sociedade e que permanece até os dias atuais. De acordo com as mulheres M2 e M5, a escolha por não ter filhos às acompanha desde muito cedo:

“[...] eu não sei quanto tempo faz que eu sei que não quero ter filho, assim, acho que desde que eu achei que eu poderia ter, uns 18 anos [...] me tornei mais independente, eu sempre falei que não queria ter filho [...]” M2.

“[...] eu nunca decidi oficialmente em não ser mãe, só nunca decidi ser. Desde muito jovem, quando a temática da maternidade vinha à tona, seja nas brincadeiras de bonecas com as amiguinhas na infância ou nas falas da minha mãe que um dia seria igual ela, nunca me pareceu uma boa ideia. Nunca brincava como mãe das bonecas. Nunca visualizava eu no papel materno, de cuidadora [...]” M5.

Para as cinco mulheres entrevistadas, ter um filho não fez parte do planejamento de vida pessoal e a maternidade nunca foi vista como um “potencial” a ser atingido, estando de acordo com o que foi explicitado por Mansur (2003), de que não há convicção na afirmativa de que mulher carrega o instinto materno como parte de sua natureza normal, como se observa no discurso de M4:

“[...] lá num determinado período eu comecei a pensar que não, eu não queria ter filho, eu não queria ter filho, mas isso ainda não era claro pra mim, eu simplesmente não me via fazendo aquilo, casando e sendo mãe, até pensei em constituir uma família, um marido, ter alguém, mas não tendo filho [...]” M4.

Ao analisar as entrevistas, não é possível identificar um único motivo concreto que levou essas mulheres a tomarem a decisão de não ter filhos. A opção pela não maternidade foi uma escolha, já que acreditam que essa fase da vida da mulher não é uma meta ou um objetivo que precisa ser atingido. Para M1, a maternidade não passou de uma escolha:

“[...] talvez tenha um monte de motivos, mas o mais importante eu acho que, atrás de tudo isso, é que independente dos motivos, sempre vai ser uma escolha, então foi uma escolha consciente [...]”. O mesmo aconteceu com M3: “[...] cada vez mais, conforme o tempo foi passando, a gente foi... eu fui, tendo certeza do que era, de que eu não queria mesmo, fui juntando o quebra-cabeça sabe, e se formou a ideia completamente [...]”.

Já para M2, a decisão se deu por acreditar que é muito protetora e que se sentiria frustrada caso não conseguisse proporcionar alguma coisa que o filho almejasse:

“[...] eu acredito que principalmente eu não queira ter filho porque não quero criar uma pessoa, sei lá, frustrada ou que não se sinta capaz de uma coisa [...] eu jamais me perdoaria de falar para um filho algo que eu fosse me arrepender e que depois eu fosse marcar talvez a criança talvez pelo resto da vida [...]”.

Ao contrário de M5, que relata que sua decisão foi feita ainda quando muito jovem:

“[...] as amigas já verbalizavam frases de “quando eu for mãe” “quando eu estiver grávida”, mas pra mim, nunca me pareceu uma ideia que iria pôr em prática, no entanto era muito nova e tinha esperanças que a maternidade aflorasse com o passar da idade. A idade passou e não aflorou nada [...]”.

Para Patias e Buaes (2012), é fundamental que os estudos sobre não-maternidade ganhem forças para que dessa forma, auxiliem na diminuição, ou até mesmo no fim, do antigo paradigma associado à figura feminina, de que a mulher necessita ser mãe, transformando em senso comum a ideia de que a mulher pode e deve escolher o melhor para sua vida.

3.2 Desafios sociais e culturais diante da escolha pela não-maternidade

A partir do momento que a mulher toma a decisão de que não quer ser mãe, muitos julgamentos vêm à tona, e as mulheres passam a ser discriminadas pela sociedade pela sua escolha, já que muitas pessoas têm em mente que as mulheres não mães são egoístas, e até mesmo inaptas de amar crianças (FIDELIS E MOSMANN, 2013).

As mulheres citam em suas falas os questionamentos da sociedade referentes às suas decisões, principalmente os julgamentos feitos ao associarem a sua escolha de não quererem ser mães com o de não gostarem de crianças. O fato de nunca terem tido vontade de carregar e criar um filho, não significa que elas sejam incapazes de amá-las, pelo contrário. E isso aparece nas falas de M1, M2 e M4:

“[...] eu vivo com aquela coisa de algumas pessoas: “tu odeia criança”, não, pelo contrário, eu acho que família é um “troço” tão importante e a criação de uma criança é uma coisa tão séria, que eu não sei se eu ia dar conta, talvez desse, até acho que sim [...] M1;

“[...] filho é uma coisa incrível, eu acho lindo, eu adoro criança, inclusive eu amo criança e todo mundo fala: “ai mas tu adora criança como é que tu não quer ter filho?”, porque uma coisa é ser teu, uma coisa é tu ter essa responsabilidade, tu carregar, tu construir um ser, pro mundo, né? É muito difícil [...]” M2;

“[...] eu sempre gostei muito das crianças assim, convivi sempre muito bem com eles, mas nunca me vi sendo mãe, é, gestando uma criança, amamentando uma criança [...]” M4.

Segundo Smeha e Calvano (2009), a maternidade está fortemente ligada com os aspectos culturais e associada ao corpo e à natureza da identidade feminina. Além dos julgamentos que recebem, a pressão imposta por familiares, amigos e demais pessoas de seu ciclo de convivência para que as mulheres mudem de ideia e optem pela maternidade é outro desafio encontrado pelas entrevistadas.

Para M1, a pressão aparece dentro das rodas de conversas de seu ciclo de convivência e afirma, que a pressão exercida por sua mãe, sempre foi mais intensa:

“[...] as minhas amigas todas são mães agora, até aquela que não queria ter filho, tem dois, e aí cada vez que mais uma amiga tem um filho, ou segundo filho, vem aquela pergunta: “e tu, não mudou de ideia? [...] dentro da família a pressão sempre foi muito grande, a minha mãe contava o meu relógio biológico [...]”.

O mesmo se repete no relato de M2:

“[...] inclusive eu lembro da cara da mãe, assim meio tipo, de vergonha, porque eu falei para uma mulher que eu não queria ter nunca... tipo “ai, para quê ficar contando para todo mundo que não quer ter?” porque eu não quero e não vou ter [...]”.

M2 também relata que a pressão está presente em seu dia-a-dia e que a cobrança para que tenha um filho é grande: Ainda, ressalta que a criação de um filho envolve muitos fatores, entre eles o financeiro:

“[...] ninguém falava assim: “quando tu vai te formar?”, mas “quando vocês vão ter um filho?” [...] gente, pelo amor de Deus, como é que eu vou alimentar meu filho, tu vai? Ninguém vai viver para sempre para alimentar ele, eu acho péssimo isso, não que seja uma regra, mas se eu tivesse um filho eu gostaria de sustentar [...]”.

Também, nota-se que esse processo de assumir a não maternidade, levou tempo para que fosse aceita pelas pessoas de convivência da mulheres entrevistadas. Antes, preferiam negar e ressaltar diversos fatores que as levaram a tomar a decisão, e que agora, preferem trocar o assunto, como relata M4:

“[...] tem umas às vezes que duvidam: “ai garanto que não chegou a hora ainda”, mas assim, definitivamente eu não quero e não vou ter. Eu me organizei pra isso, eu não vou ter filhos. Mas hoje tá bem mais tranquilo, pessoal já aceita mais, porque já não é mais eu isolada, tem mais gente [...]”.

Foi possível identificar que as mulheres entrevistadas estão muito certas de sua decisão, e que hoje, não se sentem mais intimidadas em assumir sua escolha, como exemplo, o relato de M3:

“[...] o pessoal sempre brinca assim, quando aparece uma gestante [...] “ah, a próxima é tu, a próxima é tu!” e antes eu negava muito, agora eu só dou risada e procuro não dar muitas explicações. Porque se eu explicar muito, se torna difícil. E aí a pessoa acaba dizendo: “uma hora vem...” e eu sei que não vai vir, porque eu não quero, sabe? [...].

É necessário que a sociedade compreenda a decisão e o direito de escolha das mulheres, pois de acordo com Rio e Gomes (2009), estes julgamentos fazem parte do dia-a-dia das mulheres não mães por opção, e os preconceitos normalmente geram sentimentos de exclusão e anormalidade dentro da sociedade. Se a decisão for respeitada, pelo menos pelas pessoas do ciclo de convivência, cada vez mais, estas mulheres se sentirão amparadas, e dessa forma, conseguirão incentivar e apoiar outras mulheres que não desejam ter filhos.

“[...] Ninguém quer falar sobre isso, ninguém consegue conceber que uma mulher consegue ser feliz sem ser mãe. A gente ainda tem um modelo pré-determinado de mulher, a mulher pode evoluir, mas no fim ela tem que ser esposa, a mulher tem que crescer, estudar, dominar todos os ramos da ciência mas se ela não for mãe ela não é mulher, a gente ainda tem isso, pra mim mulher é uma pessoa que merece o seu espaço, onde? Onde ela quiser, do jeito que ela quiser [...]” M1.

Outro desafio citado pelas entrevistadas é referente aos serviços de saúde, sejam eles sistemas privados ou públicos, pois focam seu trabalho em gestantes, puérperas e até mesmo mulheres no climatério, não compreendendo e mesmo discriminando muitas vezes, mulheres não mães por opção. M4 relata: *“[...] sinceramente eu não sei sobre o sistema de saúde dar apoio, porque eu não enxergo isso [...]”*.

Algumas das mulheres citaram durante as entrevistas alguns questionamentos sobre suas decisões feitos por alguns profissionais da saúde, como M2 por exemplo, que menciona um episódio de interrogação por parte da equipe de enfermagem:

“[...] uma enfermeira ou uma técnica perguntou se eu tava bem e tudo mais, daí ela falou “ah, se tu quer ter filho, o primeiro mês do pós operatório é a hora, se tu quer ter filho” e eu “não, mas eu não quero ter filho” e ela “não quer ter agora?” e eu “não, eu não quero ter nunca” e ela ficou abismada, uma pessoa que trabalha na área da saúde, sabe? Ela ficou muito chocada [...].

O mesmo se repetiu com M1, ao citar uma das consultas médicas com sua ginecologista:

“[...] “tu vai ver, quando tu chegar mais perto dos 40 tu vai querer...” [...] daí eu “não doutora, eu não vou ter”, “vai sim” e ela chegou a prescrever para mim os exames, aqueles que a gente faz antes de ficar grávida [...] chegou a me dar um receituário com ácido fólico [...]”.

As mulheres participantes da pesquisa esperam poder expressar sua vontade, de não serem mãe, sem serem julgadas ou questionadas, sem opiniões sobre suas decisões, pois elas exigem seu direito de escolha e respeito em qualquer propósito tomado para suas vidas, como ressalta M1: *“[...] eu acho que eu não precisaria ter que implorar para as pessoas respeitarem meu direito de escolha sobre o meu próprio corpo, é só respeito [...]”.*

De acordo com Rio e Gomes (2009), é fundamental que haja a aceitação das novas configurações familiares existentes, entre elas, das mulheres que optam pela não maternidade e que fogem do antigo padrão imposto pela sociedade de que a mulher deverá ocupar, obrigatoriamente, o cargo de mãe e esposa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados obtidos, compreendemos que o antigo padrão social imposto nos séculos passados, de que a mulher para ser completa necessita, obrigatoriamente, passar pela maternidade e que o instinto materno é algo de sua natureza, ainda se faz presente. Entretanto tal estereótipo hoje vem sendo contestado pelas mulheres, que buscam seu espaço com direito a atenção a educação e saúde sem que passem necessariamente pela maternidade.

Os desafios elencados pelas mulheres estão relacionados aos questionamentos quanto a sua decisão, pressão psicológica e julgamentos constantes, sejam eles por parte da família, amigos, profissionais da saúde e sociedade em geral.

É necessário que a maternidade seja vista como uma escolha e não como uma fase obrigatória da vida da mulher. Optar pela não maternidade é uma decisão que envolve aspectos sociais, culturais e profissionais, mas que cabe à mulher escolher. As mulheres não mães por opção exigem respeito quanto a sua decisão, e seus direitos precisam e devem ser respeitados.

A temática não é nova, mas pouco se tem discutido ao longo do tempo, determinando a muitas mulheres um certo isolamento social. Entretanto neste estudo optou-se por dar voz a estas mulheres, oportunizando que sejam ouvidas, compreendidas e respeitadas.

Esta etapa do estudo se encerra, mas ainda há muito a ser investigado. Sugere-se a realização de novos estudos que ouçam também os companheiros e companheiras destas mulheres.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel. **Avaliação da Técnica de Amostragem “Respondent-Driven Sampling” na Estimação de Prevalências de Doenças Transmissíveis em Populações Organizadas em Redes Complexas.** Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009.

BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. **Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling.** Sociological Methods & Research, Thousand Oaks, CA, v. 10, n. 2, 1981.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS – DATASUS. (2018). Secretaria Executiva do Ministério da Saúde. Acesso em 28 de junho de 2018. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br>.

FIDELIS, Daiana Quadros; MOSMANN, Clarice Pereira. **A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos.** Aletheia, v. 42, p.122-135, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. (2009). Censo demográfico. Acesso em 28 de junho de 2018, Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf.

MANSUR, Luci Helena Beraldo. **Experiências de mulheres sem filhos: A mulher singular no plural.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

MARTINS, Maria Cezira Fantini Nogueira. **Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde.** Saúde e Sociedade, v.13, n. 3, p. 44-57, 2004.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. **“Tem que ser uma escolha da mulher!” Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção.** Psicologia e Sociedade, v. 24(2), p. 300-306, 2012.

RIOS, Maria Galrão; GOMES, Isabel Cristina. **Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção.** Psicologia em Estudo, 2009.

SMEHA, Luciane Najar; CALVANO, Lize. **O que completa uma mulher? Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional.** Psicol. Argum. Curitiba, v. 27, n. 58, p. 207-217, 2009.

WORLD HEALTH ASSOCIATION. **Division of Mental Health. Qualitative Research for Health Programmes.** Geneva: WHA, 1994. Acesso em: 29 de junho de 2018.
Disponível em: disponível em:
http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/62315/WHO_MNH_PSF_94.3.pdf?sequence=1&isAllowed=y.